

Prostituição convenção de gênero identidade feminina no sertão baiano (1930-1960).

Ricardo dos Santos Batista

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9578390926356664>

O texto a seguir é a transcrição adaptada de uma palestra proferida por Ricardo dos Santos Batista em 26.05.2014

Minha graduação foi desenvolvida na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV, localizado em Jacobina, quando comecei a me interessar pela discussão sobre gênero. Queria começar parabenizando pela iniciativa, pela escolha deste tema no mês de maio, que é o mês que celebra a diversidade, a diferença sexual, e parabenizo porque, infelizmente, eu ainda vejo que os historiadores que trabalham com gênero são pouco privilegiados. Joan Scott diz que o gênero é uma categoria útil de análise, que existe toda uma construção, mas as discussões sobre etnicidade e gênero ainda precisam de uma construção teórica sólida que possa dar suporte às análises. Assim, a minha fala está relacionada à pesquisa que eu desenvolvi no mestrado, chamada Lues Venérea e as Roseiras Decaídas, e hoje decidi fazer um recorte para discutir um pouco sobre A Prostituição e as Identidades Femininas no Sertão.

Eu queria deixar claro que há uma discussão específica sobre Sertão. Conheço o professor Jackson André Ferreira, que é docente do campus IV, o professor Moisés Oliveira, que tem trabalhado no sentido dessa delimitação do Sertão, do que seria Auto Sertão, Baixo Sertão. Eu utilizo para essa fala um conceito de Sertão como aquele que foi construído, aquilo que está para dentro, para o continente, que não é Salvador e que não é Recôncavo. Então, vou falar da experiência de uma cidade específica que é Jacobina, mas que representa inúmeras outras cidades do Sertão baiano e queria destacar, antes de começar a falar explicitamente sobre o tema, que as produções sobre o interior da Bahia tem crescido e, a meu ver, isso é significativo porque por muito tempo se pensou a Bahia como se fosse apenas Salvador. Na minha época de graduação me incomodava muito, pois havia a pesquisa sobre a Bahia em determinada década, mas quando a gente olhava a Bahia estava restrita a Salvador, inclusive agora a gente lançou, recentemente, um livro sobre História da Saúde no Interior da Bahia, que se propôs a discutir sobre a saúde e a doença e tem muitos trabalhos com essa mesma proposta.

Começo pensando no contexto da cidade de Jacobina, que fica localizada a 330km da capital e foi desbravada no século VII pelas famílias Guedes de Brito e Garcia D'Ávila,

que sabendo das notícias sobre os minerais que Jacobina possuía se lançaram nessa empreitada. A história de Jacobina e de outras cidades dali da região, como Caraíbas, por exemplo, é uma história que está marcada pela questão do ouro, pelo ciclo do ouro. Então, no final do século XIX a gente tem um ciclo do ouro que se encerra somente em 1930 e vamos ter um outro ciclo que se abre. A partir disso eu delimito um recorte de trinta a sessenta, quando vai se encerrar esse processo. A década de trinta é significativa na Bahia, que passava por um momento de seca, de crise – a Consuelo Novais Sampaio fala sobre isso – uma crise que se alastrou com fome, péssimas condições sanitárias, e Jacobina funcionava como uma possibilidade, tentando atrair as pessoas como uma alternativa. Então era comum encontrar, por exemplo, nos jornais, notícias convidando as pessoas. Venham enriquecer, venham respirar os bons ares das montanhas, das serras que tinham ali ao redor da cidade, que fica no centro de uma série de serras e que, nesse momento, estava marcado pelo ideal de modernidade que invadiu o Brasil como reflexo de um desenvolvimento europeu, mas que de fato não se concretiza plenamente em Salvador. O Governo de J.J. Seabra adotava esse discurso da modernidade, mas o que a gente sabe, de forma prática, se resume a algumas alterações urbanísticas como alargamento de ruas, etc.

Jacobina tinha esse ideal e é perceptível nos meios de comunicação, no Jornal O Lيدador, que era o principal jornal, um jornal de elite produzido pela elite jacobinense, que tinha a elite soteropolitana e a elite carioca como modelos a serem alcançados. Tudo que vinha da capital, ou tudo que se remetia ao Rio de Janeiro, era bem visto, havia uma discussão sobre o impacto que a linha férrea teve sobre a cidade, pois o trem era visto como uma materialização dessa modernidade para muitas pessoas. Contudo, ao mesmo tempo que se observa alguns itens que podem estar classificados no sentido de uma possível modernidade, a gente tem todo um caos que são animais andando pelas ruas, poças de água. Numa mesma página de jornal pode ser verificada uma grande notícia falando sobre “a cidade moderna”, e do outro lado você tem uma nota menor informando “ainda persistem as poças de lama”.

Eu começo o estudo tentando compreender como o jornal, as leis que são instituídas em Jacobina, Código de Postura, processos crimes e um determinado discurso médico contribuíam para a produção de ideais de masculinidade e feminilidade, que é o que eu denomino como convenções de gênero. As convenções de gêneros teriam esses padrões, essas normas que são impostas, essas expectativas para o masculino e para o feminino, para homens e mulheres. O objetivo seria discutir como essas convenções de

gênero insidiam sobre as pessoas, principalmente sobre as camadas economicamente subalternas e, principalmente, quais as respostas que esses indivíduos davam, como esses indivíduos se comportavam frente à norma imposta pelas convenções de gênero e sexualidade. Minha ênfase maior está nas convenções de gênero e sexualidade em relação às mulheres, muito mais do que os homens. Percebo que a sociedade jacobinense tinha uma tendência a dicotomizar as possibilidades do feminino entre o modelo de perfeição, ou seja, a mulher que seria perfeita, e por outro lado a mulher desviante, que não se enquadrava nas normas.

É interessante perceber essa dicotomia porque nós, enquanto sujeitos sociais, inclusive como pesquisadores, às vezes tendemos a repetir um pouco dessas dicotomias e o objetivo do trabalho é justamente desfazer ou desorganizar um pouco, questionar a forma como isso tava organizado e se consolidou na historiografia. Costumamos falar que é uma dicotomia entre santas e putas, e essa primeira mulher que se aproxima da santa, ela é um modelo pensado a partir do ideal de castidade, de pureza, de uma decência, e quando a gente vai buscar para perceber quais são as relações ou de onde é que isso vem, a gente vê que desde o período colonial existem discursos que estão ligados à mentalidade portuguesa que foram difundidos com auxílio da Igreja e que buscavam combater os relacionamentos que estavam fora dos casamentos que eram considerados tratos ilícitos; havia desde a colônia uma estigmatização às solteiras, “de vida dissoluta”, as chamadas contumazes pecadoras, e as mal procedidas, que eram colocadas à margem desse projeto normatizador da Igreja e do Estado. Essas mulheres tinham atitudes que se atribuíam a elas como obedecer ao marido, de fugir de conversas com rapazes, de recusar benfeitorias de qualquer homem se não fosse por uma questão de urgência, a idéia de que a mulher era um ser frágil frente às tentações dos demônios. Isso é uma coisa que vem desde a idade média e vai se desenvolver aqui no Brasil, tendo procedência no século XIX. A concepção do feminino como submisso, como subalterno. Eu não penso como ligação direta, mas a partir disso, consigo identificar alguns elementos desses presentes; não numa forma direta, exata, mas existem resquícios disso e que estão aí na sociedade brasileira e eu consigo observar em Jacobina.

O Jornal funciona como um instrumento de produção dessas convenções de gênero e sexualidade. Tem uma notícia bem interessante que é chamada ABC das Mulheres, A – a mulher deve ser amorosa; B – benquista pelo marido, T –trabalhadora. É interessante porque é um ABC que mostra atividades, ou atribuições para mulheres de classes diferentes, porque as mulheres da elite não deveriam ser necessariamente trabalhadoras

porque elas não trabalhavam.

O segundo modelo que se difere desse padrão de perfeição, de santa, é o modelo ocupado pela figura da prostituta. O meretrício, a prostituição, assim como a jogatina, o alcoolismo eram mal vistos nas sociedades por conta da sua relação com o passado colonial, que dentro desse projeto das décadas de 1930-1940 queria ser esquecido. A cidade queria apagar os resquícios do período colonial, pois as elites se sentiam incomodadas com as mulheres prostitutas, que eles consideravam como impuras, transmissoras de doenças, eram mulheres que, para eles, afrontavam a moral e os bons costumes. As teses da Faculdade de Medicina repetem muito isso e eu trouxe para vocês uma primeira notícia de jornal que se chama “Como se conhece as mulheres pelo andar”. Diz assim:

A mulher que bate com os tacões tem o gênio que nem o demônio lhe resiste, a mulher que anda com a cabeça caída olhando para o chão está disposta sempre a enganar a toda família, A que se balanceia, para um e outro lado, não conhece a modéstia nem ao menos pelo avesso – A que pela rua vae mirando a cauda do vestido, os pés, as mangas, e a ponta do nariz entornando a vista, é presumida e não serve pra nada. – A que anda simplesmente, e só olha quando necessário, sem fixar demasiadamente, e que não anda depressa nem devagar, nem direita nem curvada, nem leva no vestuário muitos enfeites, nem dá gargalhadas na rua, nem vae tão séria que assuste, nem tão alegre que faça rir, é modesta, dócil, delicada pundonorosa e honesta. Finalmente, é uma mulher às direitas (Ramalho Ortigão)

É bem interessante porque vemos como ocorre esse processo de construção. A mulher tinha que ser uma múmia, não podia nem andar, nem olhar para o lado, nem olhar para o outro, e que suscitava uma necessidade de auto-policimento dessas mulheres em torno do seu comportamento. O historiador Durval Muniz de Albuquerque informa que isso faz parte de um processo de feminilização da sociedade brasileira, que teria começado com o processo de abolição da escravidão e se intensificou a partir da Primeira Guerra Mundial, acho que pela questão da reorganização das famílias dentro desse processo e das mulheres como chefes de família. Nesse contexto – porque isso é um instrumento, é uma ferramenta de construção ou de reforço das convenções de gênero e sexualidade – percebe-se também a tentativa masculina de ridicularizar atitudes femininas.

Na Bahia, o que predomina é principalmente aquele feminismo voltado para as mulheres

da elite, a luta por direito ao voto, muito voltado para a filantropia e a caridade, não é um feminismo mais radical. Tem outra notícia na qual eu queria que vocês observassem como os homens ridicularizavam as mulheres que tinham atitudes que não estavam dentro da norma, a notícia chama-se “O marido das guerreiras”.

Surgiram por aí seres híbridos que não poderiam ser classificados na escala animal, nem como bicho intermediário da teoria Darwiniana. Cortaram os cabelos a - lá homem – cruzaram as pernas como si não tivessem pernas... Pintaram o diabo (...) Imaginem cenas como essas: O senhor simpático, aquele moço bonito, tipo café com leite, que faz massagens e usa cremes, depois de fazer suas compras, levando pelo braço um rechonchudo guri com os respectivos apetrechos como sejam bonecas fraldas e mamadeira, vae na casa de um seu – querido – amigo e diz melífluo e ridículo: (...) - uma notícia! A doutora Dagoberta pediu a mão do Lulusinho em casamento... em que mãos vae cair o pobre inocente.

É uma tentativa de ridicularização pelo desconforto de homens que poderiam desempenhar tarefas que eram tidas como femininas. Ele tenta romantizar usando a palavra melífluo, meloso, que estaria ligada a um feminino. É citada a doutora Dagoberta, mas eram poucas as mulheres, por exemplo, na faculdade de Medicina. Um dos exemplos que rompe com isso é a Doutora Francisca Praga Froés, que é estudada pela Elizabeth Rago. Havia uma nitidez no que se esperavam dos papéis masculinos e femininos. Os homens estavam ligados aos negócios, ao provimento do lar, as mulheres estavam ligadas ao bordado, às leituras. A possibilidade de inversão desses papéis ameaçava, para eles, a instituição central da sociedade que era a família, os papéis masculinos e femininos eram vistos como naturais, pois havia uma naturalização deles.

Era comum que os médicos interferissem nesse processo de construção das identidades de gênero porque a crítica ao surgimento dessa “nova mulher”, na década de 1930-1940, era feita pelos médicos, que começaram a associar as mulheres com o projeto normatizador nacionalista, que propunha que a mulher deveria desempenhar um papel que estava para fora de casa, mas não no sentido de ajudar na construção dos sujeitos. Então seria não mais garantir filhos para seus maridos, mas cidadãos para a pátria. As mulheres eram vistas como recipientes vazios e os médicos começaram a fazer uma série de restrições; teoricamente deveriam ser utilizadas para educação das crianças. É uma ideologia que se espalha depois da Primeira Guerra Mundial contra a degeneração

da juventude e se estende pela América Latina. A criança vai surgir como um problema pedagógico bem como um problema eugênico porque nós temos a eugenia nesse período e a preocupações com as futuras gerações. Nesse sentido, a partir dessa ideia, analisando os processos-crimes, eu cheguei no caso de defloramento que mostra, de forma bem interessante, a importância da virgindade na preservação desse modelo de feminino, dessa mulher que se adequa aos padrões.

No dia 12 de junho de 1931, a mãe de Gumercinda saiu para uma novena na casa de uma amiga, e, quando retornou, Gumercinda, que era uma menina de treze anos, não estava mais em casa. A mãe informou, nos autos do processo, que pensou que Gumercinda tivesse fugido, mas, de repente, Francisco Passos, que era vizinho dela, a chamou no fundo e disse: “não se preocupe, sua filha está aqui comigo, não aconteceu nada com ela, eu só dei uns beijos e tá tudo bem”. Isso aconteceu no dia 12 de junho, mas a queixa que ela vai dar na delegacia é do dia 17, o que me deixou bastante intrigado por que ela só fez a queixa de que a filha não estava em casa e que estava na casa do vizinho cinco dias depois. Eu fiquei me questionando, pois no meio do processo tem uma informação que acaba saindo, assim por um acaso, uma informação de que ela teria pedido um conto de réis para que ele devolvesse a filha para que ela, e que não dissesse nada. A minha primeira reação foi julgar de forma meio preconceituosa. Primeiro eu disse: “essa mulher não está trabalhando dentro de um processo de normatização de educação pedagógica”. Mas eu fui fazer uma reflexão sobre quais motivos poderiam ter levado essa mulher a cobrar um conto de réis a Francisco Passos, para não incriminá-lo, e refleti sobre a situação em que ela se encontrava enquanto uma mãe solteira, mulher pobre, negra, com uma filha deflorada, sem honra, frente a essa sociedade que estou descrevendo até então. A Gumercinda vai depor, e dizer que outra vizinha aconselhou, mas o que me interessa nesse caso é a questão da resolução, porque o Francisco Passos vai constituir advogado e quando eu vou analisar qual é a tática que ele utilizou para poder se defender, percebo que ele vai utilizar as convenções de gênero e sexualidade, ou seja, vai aproximar Gumercinda da imagem de uma prostituta, de uma mulher que não se enquadra. Eu trouxe um trecho para vocês do processo em que o advogado diz

São tais qualidades a expressão forte da probidade e da virtude, elevadas ao mais alto grau de perfeição que deve ser apreciada com rigor para que a hipocrisia não venha aureolar de santidade o corpo maculado das semi-irgens requintadas nos disfarces revoltantes do impudor, velado pelas sombras da mais indecorosa desvirtude.

O advogado dele vai dizer que ela andava com as prostitutas, que andava pelas ruas, pelo chafariz, nessa tentativa de construir uma imagem de Gumercinda como uma mulher – como uma garota na realidade – que se aproximava da prostituição e, por isso, ele conseguiu ser absolvido do processo. Eram muitas as restrições, mas se você pegar as leis, os códigos de postura, as mulheres não podiam lavar roupa no rio. O que me interessa nesse processo é ver como essas mulheres vão se posicionar frente a todas essas normas. Há o caso, por exemplo, de Joana, que em 1937 foi para uma festa, estava dançando, o menino chegou e passou a mão na bunda dela; ela pegou o canivete e cortou a orelha dele. Eu pergunto para vocês se a atitude dela é de uma mulher decente ou de uma mulher desviante? Porque no mesmo momento ela está tentando defender a honra, a moral dela, mas ela tem uma atitude que nunca seria pensada para uma mulher decente, como cortar a orelha do cara; as coisas eram muito mais complexas.

Temos, por exemplo, outro caso. Jacobina é cortada por dois rios o Rio do Ouro e o Rio Itapicuru e tinha uma ponte de madeira que chamavam de Pinguela, e numa madrugada vinham onze pessoas de uma festa e a Pinguela caiu, e quando foram investigar quem eram essas pessoas que caíram e se feriram, havia civis, prostitutas e policiais, que, teoricamente, teriam que estar trabalhando para a normatização dessas mulheres e que, de fato, não estavam. Muitas notícias encontrei pedindo que os cabarés fossem retirados porque a zona de prostituição de Jacobina ocupava um lugar central próximo a uma Igreja e as pessoas achavam isso uma afronta à moral e aos bons costumes.

O que me proponho a observar é como essas relações se dão de uma forma complexa e de que forma se monta ou existe uma rede de solidariedade e de sociabilidade dessas prostitutas ou dessas mulheres que são consideradas ou foram consideradas como desviantes dentro do bairro do meretrício. A professora Zeneide Rios fez um estudo sobre Jacobina e tocou no tema da prostituição na Serra, e eu vou falar um pouco mais da prostituição ali no centro, no espaço urbano. O bairro do meretrício era chamado de Pilunga, alguns falavam Espilunga. Depois eu cheguei à conclusão que o termo correto seria Espelunca, que significa um lugar sujo, sem asseio, mal tratado e que algumas pessoas começaram a chamar Pilunga, e o termo foi incorporado inclusive por todos os sujeitos dali; e se hoje você chegar lá, todo mundo sabe onde era o Pilunga.

Aquela notícia da polícia me deixou um pouco instigado e consegui chegar a um chefe, um policial que trabalhava no tiro de guerra, e ele me deu algumas informações que são interessantes. Como chefe do tiro de guerra, recebia dinheiro dos donos das casas de

prostituição para poder manter a ordem naquele lugar, para que não houvesse confusões, para que não houvesse briga. Os soldados adoravam, pois eles eram tratados com pompa, tira-gosto, refrigerante. Segundo ele os policiais não bebiam, mas muitos crimes aconteceram no bairro do meretrício. Uma curiosidade é que os processos crimes nunca estavam no nome das mulheres; apesar de falar sobre prostituição, as mulheres não aparecem normalmente e isso dificultou porque eu olhei os processos e depois tive que olhar novamente. Outra coisa que eu percebi foi que as pessoas se repetiam no processo ora como réus, ora como depoentes; o que me despertou para uma rede de sociabilidade naquele lugar.

O primeiro caso que é interessante é o caso do Eduardo Eleutério da Silva que resolveu sair com uma prostituta e ele queria que ela fosse para casa dele, e ela se nega; o que questiona um pouco dessa idéia da prostituição como submissão. Então, se inicia um conflito e o Raimundo, que era uma figura que frequentava o bairro do meretrício – inclusive o encontro em outros processos – vai defender a Isaltina, que era o nome da prostituta e, com isso, o Eduardo Eleutério deu um corte no olho dele com faca e foi à delegacia. Trocam algumas agressões físicas e o Eleutério, que foi quem começou, de fato, o problema, vai e dá uma queixa contra o Raimundo Jerônimo e vai todo mundo para a delegacia. Na chegada há uma preocupação do Juiz em saber dos fatos. Já que Raimundo estava defendendo Isaltina, pergunta: “você tem alguma coisa com ele?” e ela diz: “não, conheço-o apenas do Pilunga, lugar das mulheres livres de Jacobina”. Isso me chama muito atenção porque essa ideia de livre não vai aparecer só nesse processo, o que me fez questionar um pouco sobre o que seria essa liberdade, o que seriam as mulheres livres. São mulheres que não se adequam às normas, convenções de gêneros e sexualidade que são determinadas pela sociedade. A ideia de mulher livre estava relacionada ao empoderamento feminino, um domínio sobre os corpos e atitudes e isso implicava na quebra dessas convenções de gênero e sexualidade.

Um outro processo que é bastante interessante é o da prostituta chamada Josefa Rodrigues, que diz no processo que tinha se separado do rapaz, o Lídio, havia vinte dias, porque ele teria dito que não teria mais dinheiro para sustentá-la. Então ela se separou e foi morar na casa de Deomira, que era outra prostituta e, em um dia de Natal, ela bebeu todas com um rapaz e foi dormir. Minutos depois chegou o Lídio, seu ex-amante, que saiu louco procurando a amásia dentro de casa com outro comparsa. Eles vão até a cozinha, descobrem dois pedaços de madeira de Caçutinga. O comparsa fica na porta esperando, quebra a porta e mata o rapaz que estava dormindo com Josefa e espanca ela. Isso vai



gerar um processo e nele o depoimento de Lídio é diferente, já que ele disse que estava com ela na festa há pouco tempo – eram horas. É uma informação divergente; a gente nunca vai saber se ele estava com ela. Ele informa que, de repente, procurou, e ela sumiu; depois já estava deitada dormindo com outro.

O interessante é que o juiz vai a todo momento tentar comprometer a Deomira, que foi a prostituta que abrigou Josefa. Ele tenta de todas as formas, questiona todos os depoentes. Uma coisa interessante é que nos depoimentos parece que as pessoas ensaiaram o que iam dizer, há uma tentativa – essa é minha leitura enquanto historiador – de justificar e de dizer que havia um comparsa na porta, que a outra já tinha apanhado. O que eu percebo a partir das análises, principalmente, dos processos crimes em Jacobina, é que há uma complexa rede de solidariedade que difere, por exemplo, do que está dito no jornal, que acaba com as prostitutas, que diz que elas são a escória da sociedade. Contudo, quando você vai para a vivência dessas mulheres, isso não ocorre.

O último ponto que eu queria trazer dentro dessa pesquisa histórica que eu tento reconstruir dessas mulheres é um pouco sobre como vai se alterar; o meu estudo vai até a década de 1960 que é quando surge uma grande casa de prostituição que era chamada Galinhão. O Galinhão surge com uma proposta diferente de outras casas de prostituição, vai ser um grande complexo com rinha de galo, uma série de coisas de entretenimento e diversão. Não é só um prostíbulo, é uma grande casa, e eu comecei a investigar para saber como é que as mulheres iam parar lá. Tem uma mulher que me disse que foi com dezesseis anos, fugida do marido, porque ela apanhava, e encontrou o Fecha Beco, que é uma figura interessantíssima. Ela o descreveu como um agenciador de mulheres, bonito, com chapéu, todo de branco. Eu não pude conversar com ele porque ele teve um AVC e não conseguiu mais falar.

Percebo que naquele lugar, nos últimos anos desse processo de estudo, começa a surgir outro tipo de prostituição, que está voltada para uma questão mais normativa de raciamento, que antes era uma coisa que acontecia muito mais nas ruas, nas esquinas, nos becos. A elite jacobinense, aqueles que contribuem para as convenções de gênero e sexualidade, utilizando aquele espaço, tinha médicos, advogados, por exemplo, que passavam o final de semana escondidos lá dentro. Em um depoimento, seu Almir Santos Ferreira, me disse o seguinte – quando eu perguntei sobre os freqüentadores:

Ahh, era só pessoas que tinham dinheiro, da família de quem? De Rocha Pires. Acho que tinha um aí que era muito bagunceiro, que ia lá, mas só ia gastar dinheiro, tomar bebida

porque era neto de lazinha, neto da finada lazinha, a fazendeira. Então ele segurava o dinheiro dela lá. De qualquer maneira (...) eu sei que ele sempre chegava lá e apresentava um grande papel, mandava colocar quatro, cinco mesa, uma colada na outra com muita cadeira, muito banco pro pessoal fazer gasto de bebida. Tudo quem pagava era ele, o neto da viúva mais rica que tinha aqui, lazinha. Que era parente de Rocha Pires, dessa gente, é, uma família muito grande.

É um local que vai se instituir nessa configuração, porque tem o proprietário desse prostíbulo que vai para lá pela linha férrea como caixeiro viajante. Ele viaja, começa a “fazer” dinheiro, viaja para o Rio de Janeiro, para São Paulo – existe até um texto do jornalista Oleone Coelho Fontes, que é um romance a partir de uma série de entrevistas com Faquinete, que era o dono desse prostíbulo. A partir dessa vivência dele nos grandes cabarés, nas grandes cidades, ele tenta, na medida do possível, trazer uma outra proposta de prostituição que mexia muito com o imaginário das mulheres. Eu consegui identificar mulheres que vinham para Salvador e saíam nos grandes prostíbulos do interior da Bahia, em Juazeiro, Jacobina, Caraíba, que, inclusive, as próprias mulheres agenciavam. Daí não só homens quebram com a norma de gênero e sexualidade, já que mulheres teoricamente não podiam ser agenciadoras de outras. Isso mexia com o imaginário, mulheres da elite jacobinense, que se disfarçaram para tentar entrar. Nenhuma mulher queria passar pela porta porque se passasse achava que ia ficar mal falada. Tenho relatos de mulheres que se fantasiaram para poder saber o que acontecia, porque, depois que surge essa casa com essas mulheres que vem de fora, que falam em outra língua, isso reverbera no imaginário da sociedade. Quem são essas mulheres? O que é que acontece? Acontecia as maiores atrocidades lá dentro.

Minha fala hoje é no sentido de pensar identidade no plural, porque pensar no singular a gente vai acabar enquadrando-a em algum lugar. É uma reflexão sobre as identidades dessas mulheres, como elas viviam com a sua sexualidade, como elas questionavam as normas impostas, não se enquadrando no modelo de santa nem de puta, produzindo subjetividade e identidades que estavam para além dessa simples classificações que eram feitas no período. Eu acredito que esse trabalho é também uma possibilidade de pensar o hoje e, nesse sentido eu agradeço mais uma vez o convite, pois, como diria Mark Bloch [...] a História é uma construção orientada pelo presente, que nesse caso nos leva a perceber como as mulheres no passado responderam a esse processo. Hoje a gente está vivendo de forma intensa na sociedade brasileira questões ligadas a padrões, convenções

de gênero e sexualidade, de normas, o crescimento do fundamentalismo religioso. Temos que pensar que as crianças precisam de um currículo diferente. Há um currículo na escola que é marcado por uma série de convenções de gênero e de sexualidade e o que nós, enquanto professores de História, estamos fazendo para quebrar isso, ou a gente está reproduzindo isso? Assim como aquelas mulheres que não se enquadravam naquele período, o quanto que a gente contribui para que essas crianças, que não se enquadram, sofram. A felicidade que eu tive em desenvolver esse trabalho é de pensá-lo como uma ferramenta política também, porque a História que esta dada no livro didático a gente trata como neutra, mas ela não é neutra, ela está escrita e está elaborada daquela forma porque tem um grupo que se interessa para que ela seja vinculada daquela forma. Eu acho que o meu papel e de todos os historiadores é observar essa função política que existe na História e contribuir, e não fazer uma História que caía no esquecimento, mas tentar construir uma História que auxilie no processo de transformação da sociedade.